[Recensão a] Javier Velala, Léxico de inscripciones ibéricas: 1976-1989

Autor(es): Faria, António Marques de

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/45515>

DOI: DOI:https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_31_10

Accessed : 26-Apr-2023 16:02:43

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXXI

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1992

RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

JAVIER VELAZA, *Léxico de inscripciones ibéricas: 1976-1989*. Barcelona, 1991, 204 p.

A obra a seguir comentada, tese de doutoramento do autor defendida na Universidade Autónoma de Barcelona em Junho de 1990, é, sobretudo, uma actualização do *Léxico de Inscripciones Ibéricas* de Jaime Siles, trabalho publicado em 1985, mas apresentado nove anos antes, também como tese de doutoramento, na Universidade de Salamanca.

Tal como o Prof. Untermann sublinha no prólogo (p. 1-2), a elaboração do presente léxico é justificada pela importante quantidade de documentos em língua ibérica recolhidos após 1976. Merecem particular referência os textos inscritos em placas de chumbo, maioritariamente recolhidas no Sudoeste da França e no Levante espanhol, que, pela sua extensão, têm vindo a possibilitar a abertura de novos caminhos no estudo da língua ibérica.

Na introdução (p. 3-13), depois de realçar, com inteira justiça, os méritos do *Léxico* do seu antecessor, J. V. não deixa de salientar a importância de uma obra como *os Monumenta Linguarum Hispanicarum* de Jürgen Untermann. Com efeito, é o próprio J. V. a reconhecer que a consulta do 3.º volume daquele trabalho, quando ainda se encontrava no prelo, facilitou em grande medida a tarefa a que se propôs.

Na mesma introdução, são-nos ainda expostos os critérios que nortearam a feitura do presente trabalho, não tendo sido esquecidas as regras a que obedeceu a transliteração para caracteres latinos dos diversos signos que compõem as escrituras ibéricas.

Antes do léxico propriamente dito, encontra-se a bibliografia (p. 14-22). Diversos trabalhos nela incluídos não foram objecto de citação em qualquer das entradas. Em contrapartida, dela não constam as seguintes referências: Uroz 1983 (p. 36, n.º 65 e p. 51, n.º 148), Campmajo 1987 (p. 59, n.º 187), Castellá 1986 (p. 80, n.º 285), Solies 1982 (p. 115, n.º 477) e Hernández Yllán 1983 (p. 172, n.º 827). Além disso, não sabemos qual foi o número dos *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonense* que incluiu o artigo de A. Oliver e de V. Palomar (p. 19-20).

O léxico encontra-se dividido em três partes: entradas completas (p. 24-133), entradas incompletas (p. 134-174) e expressões numerais (p. 175-179). Em todas as entradas, são-nos fornecidas informações respeitantes às características dos docu-

mentos, respectivo local de achamento e paradeiro actual, para além da bibliografia essencial sobre cada um deles.

Posteriormente (p. 180-187), em apêndice, encontramos as transcrições dos textos ibéricos mais extensos, que foram publicados nos últimos anos. Eis, sobre elas, alguns comentários que se nos afiguram pertinentes:

Em relação às 2- e 3- linhas da esteia de Caspe (p. 180), parece-nos preferível a leitura de Martin Bueno-Pellicer (1979-1980, p. 413) e de Pérez Rojas (1983, p. 272) (ambos os trabalhos referidos na bibliografia (p. 19-20)): *silTariariBer/*³[...]*JariReBore*[...];

Na linha 6 do chumbo de Tarragona II (p. 185), *aBaRKeBioTaS* deverá ser substituído por *aBaRKeBioTaR* (v. p. 25, n.º 8).

A obra termina com dois índices. O primeiro (p. 190-197) não tem título, mas sabemos pelo índice geral (p. 203 e não p. 204) que é de palavras citadas. As “palavras” dispõem-se em duas colunas. As que se apresentam na segunda vêm acompanhadas de um número que devia corresponder a cada uma das entradas do léxico. Contudo, tal acontece apenas em raríssimos casos. A única explicação que encontramos para tão estranho fenómeno consiste na eliminação de diversas entradas já depois de elaborado o índice. Foi o que sucedeu, pelo menos, a *auBa* (p. 190), a *BeKoR* (p. 191) e a *oTiRoKeTa* (p. 193).

Na primeira coluna, deparamos com “palavras” cuja proveniência não é identificada. Parece ter sido intenção de V. comparar e relacionar os “vocabulos” de ambas as colunas, tarefa que se nos afigura em grande parte fracassada. Efectivamente, que afinidade terá *aBaR* com *arBan*, *aBaRTarBan* com *aTen*[...], *aiuBas* (por *aiTuBas*) com *ao*[...], *aloTiKeR* com *BiuRTileis*, *anTalsKar* com *KaisuRanaRiKa*, etc?

O índice 2 dá conta das discrepâncias existentes entre as leituras apresentadas por outros autores e as que J. V. adopta no presente livro. Mantém-se aqui as mesmas imprecisões, já assinaladas em relação ao índice 1, no tocante à numeração das entradas.

Entremos agora na análise do léxico propriamente dito, debruçando-nos sobre cada uma das entradas que nos parecem ser susceptíveis de alguma observação:

9. *aBaRKisBaTir*

Se a leitura for efectivamente esta, não é obrigatório que estejamos perante uma haplogia. O antropônimo poderá segmentar-se da seguinte maneira: *aBaR-Kis*. V., e. g., *iITirKiS* (n.º 411), *BanKiS* (Mogente) e *aBaRTiaiKis* (SILES, J., *Léxico...*, n.º 19).

33. *alaTe*

V. rejeita qualquer relação entre o radical e as cecas *alaun* e *alaKoS*, entrando em clara contradição com o que ficou registado no índice 1 (p. 190).

p. 62. -boi-

sorseiTeKer está por *sorseiTeR* (SILES, J. *Léxico...*, n.º 1345).

160. Bele

É óbvio que a expressão completa é BeleSBORKaTe (v. igualmente n.º 462). Tanto nestas duas entradas como noutras (n.ºs 11,12,345,414 e 418), J. V. não teve em conta o que escreveu na introdução (p. 9): “en muchos epígrafes tal interpunción no existe en absoluto y en algunos - es cierto que en pocos -, parece que el escriba ha separado con interpunción dos partes de un mismo segmento que deberían ser inmediatas.”

p. 74 iTiR

Não chegámos a encontrar alaun-iTiR-Te nem KiRS-iTiR na transcrição de Pech Maho III (B. 7. 36), apresentada no apêndice (p. 183-184).

280. isKeriaR

Sobre este antropónimo nada há a dizer. Mas perguntamo-nos: onde está o resto da inscrição de Llano de la Consolación? Para além deste vocábulo, apenas encontramos iunSTiR (por iunSTiR) (n.º 292). Não compreendemos por que razão falhou a lexicalização de aiT(u)-iKe-(i)lTun, antroponimo que passa despercebido na discussão do morfo -Ki (p. 90). Transviado encontra-se também o termo oTiRoKeTa (p. 193), que deve pertencer à mesma inscrição. Apresentamos seguidamente a nossa leitura de toda a inscrição, publicada pela primeira vez por D. Fletcher e A. Martínez (v. bibliografia (p. 17)):

Face A

aiTiKelTunKi: iunSTiR: BeKor: SalBiTas: oTeroKeTa: BanoTaKian

Face B

isKeriaR

323. KaTon

Observa V. que o final -on só se regista mais três vezes. A estas há que acrescentar, pelo menos, mais cinco: BarTon (n.º 465), BoRBeRon (SILES, J., *Léxico...*, n.º 532), eBanBon (SILES, *JLéxico...*, n.º 914) e lauRBerTon (n.º 711).

p. 88. --Ke

TunTiKe está por TunTiKen, não tendo, por conseguinte, nada a ver com o morfema em análise.

397. liKineTe

É provável que liKine seja a adaptação ibérica do *nomen* romano *Licinius*. Contudo, é preciso não esquecer que o elemento Kine integra diversos antropónimos ibéricos, tais como BeKonKine(n.º 155), BeTuKine(n.º 166) e TiKirsKine(SILES, J., *Léxico...*, n.º 815). Por outro lado, se o morfo -Te é marca de dativo pessoal (p. 121), dificilmente liKine terá sido o autor do mosaico de La Caridad.

416. neRseTiKanTeKiarwi[...]

Deve ser distração de V. a alusão ao formulário final -armi, já que, no parágrafo seguinte, se refere ao sufixo -wi depois de TeKiar.

p. 110-111 Salir

ilTiRTe está por ilTiRTa.

472. seTaliKean

seTal poderá ser homónimo de um magistrado monetário de *Ilici*, que apresenta *Settal* como *cognomen* (LLORENS, M- del M., *La ceca de Ilici*, Valência, 1987, p. 36).

p. 117 -sTe

Falta ainda provar a existência deste morfo como variante de -Te. Nada impede que a sibilante pertença ao vocábulo anterior, se aquela vier precedida de uma vibrante como em BiKiTiRs-Te, Bors-Te e BiTars-Te (v. Untermann 1985-86, p. 39, citado na bibliografia (p. 22)). Sirvam como termos de comparação TiKirsBinaBaR[...] (n.º 517) e TuRSilTiR (n.ºs 534-535), dois antropónimos que incluem sibilantes após vibrantes.

p. 121 - -Te/-iTe

509 TeRKeKineRTin[...]

Não vemos que relação possa ser estabelecida entre TeRKeKineR e TERCINOI (H.3.4), ainda que o antropónimo ibérico se restrinja a TeRKineR e -Ke- seja apenas o já conhecido infixo incluído entre dois elementos nominais (v. n.º 434). Na verdade, em TERCINOI EGUAN OASALI (H.3.4) nada parece haver de ibérico. Julgamos preferível aproximar aquele primeiro vocábulo dos antropónimos turdetanos anTuaKoi (*MLH.* A. 100-6., -7) e KoBeroi (Mogente) (FARIA, A. M. de, *Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais*, "Portugalia", 11/12, 1990/91, p. 77, 81).

757 [...]renwi

A referência bibliográfica Untermann, 1985-1986 deverá ser substituída por Untermann, 1987 c.

Terá certamente sido intenção de J. V. a lexicalização de toda a epigrafia ibérica vinda a lume entre 1976 e 1989. Importa, contudo, lamentar a ausência da maior parte da inscrição de Llano de la Consolación (v. *supra*), e ainda a de três prováveis antropónimos: aTinsin (AGUILAR IGUILLÉN, À. e PONS I MELLADO, E., *Epigrafia ibérica*, "Laietania", 4, 1988, p. 145-148, artigo citado na bibliografia (p. 14), siRBaiser (CASARIEGO, A. *et alii*, *Catálogo de plomos monetiformes de la Hispania Antigua*, Madrid, 1987, p. 148-149) e iBinKi (DEROC, A. e RICHARD, J.-C., *Une monnaie d'argent à légende ibérique inédite I-BI-N-KI*, "Acta

Numismática”, 12, 1982, p. 127-130). Por outro lado, não localizámos no léxico a “palavra” BeloTiKeRei, que encerra o *ostrakon* de Pontos (p. 185).

Encerramos esta nossa apreciação ao *Léxico* com uma lista de antropónimos ibéricos que não foram reconhecidos como tais por J. V.; os que o foram apresentam transcrições divergentes das nossas:

aBarsKuBor(n.º 11), aBelKirTiKan(n.º 12), aKeRiKoR(n.º 639), aKiniR(n.º 25), aKiTiKen(n.º 11), alaSBuR(n.º 32), anBoSilTun(n.º 37), aRsKoRo(n.º 62), aTaBeR(n.º 65), BaKasKeTe(n.ºs 105 e 614), BanKusTeTin(n.º 118), BanSor(n.º 122), BaRBin(n.ºs 126-128), BaRKarBulTu(n.º 132), BeleSBoR(n.º 160), BeKoRTo(n.º 157), BeleSaKin(n.º 161), BilosleisTiKer(n.º 178), BiTeBaKiRS(n.º 188), BiTars(n.ºs 685 e 711), BoKalSor(n.º 206), BoToTaS(n.ºs 215-219), BoToTiKi(n.º 220), eisBuR(n.º 637), eRTin(n.º 98), eTeiTor(n.º 241), iariBeR(n.º 476), iTiRSar(n.º 263), iTursaiR(n.º 269), isKeRBoneS(n.º 345), KaResTar(n.º 321), KeBel(n.º 327), KeBelsilun(n.º 328), Kebelsilunin(n.º 329), KeBelTeR(n.º 330), KelTiBeleS(n.ºs 334-335), KiTeiBors(n.º 347), lauRBerTon(n.ºs 710-711), lauRBim(n.º 83), leisir(n.º 390), leKaR(n.ºs 344 e 393), lereuTiniR(n.º 319), loRsur(n.º 393), nisoR(n.º 735), nisoRBar(n.º 79), nisuni(n.º 62), noroBoR(n.º 739), oRTin(n.º 429), oSorTaRBan(n.º 431), SalKiTe(n.º 455), TeTe(i)(n.º 501), TileSKeTin(n.º 518), ToreTin(n.º 523), uKal-Ke-Bars(n.º 547), uReSTiniR(n.º 614), uReSunir(n.º 644), wiReSTiniR(n.º 412), wReSuniR(n.º 767) e wuR[eS]uniR(n.º 413).

ANTÓNIO MARQUES DE FARIA

ANTÓNIO AUGUSTO TAVARES, *Impérios e Propaganda na Antiguidade*, Editorial Presença, Lisboa, 1988. Coleção Textos de Apoio, n.º 27. 120 pp.

Trata-se, como o próprio Autor desejou, dum livro «para ser lido» (p. 10), que mostra como na formação e sobrevivência dos impérios, quaisquer que eles sejam e qualquer que seja a sua época ou o espaço geográfico em que se inserem, «a força da ideologia política», servida por eficaz propaganda, deteve papel preponderante.

Ligados como estamos, «por laços mais ou menos definidos, em qualquer dos casos indestrutíveis, às grandes civilizações da Antiguidade» (p. 19), interessar-nos-á saber — para melhor compreendermos o presente — como é que os detentores do poder em tais civilizações se promoveram e souberam ‘manipular’ os seus súbditos.

Escolheu António Augusto Tavares os impérios «que tiveram origem na Mesopotâmia, o império persa, o Império Novo no Egipto, o dos Hebreus e o dos Romanos» (p. 14), adiantando desde logo a conclusão a que chegou: «Em todos os casos, sem excepção, intervieram as armas e a força da ideologia»; «nenhum império se formou ou se aguentou sem a intervenção das forças armadas, sem uma estratégia militar e sem técnica de guerra» (p. 14). Contudo, o intuito do Autor é fixar-se